

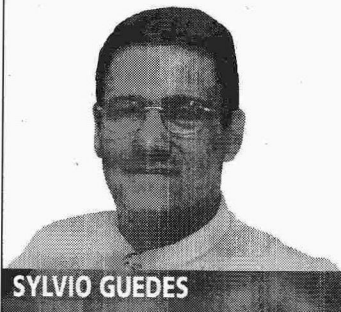
DF - Brasília

Fios enterrados e patrimônio

Táí uma discussão que realmente interessa. Depois de vários anos, alguma alma santa descobriu que estão desvirtuando o projeto original de Brasília, ao permitir que a CEB implante nas quadras do Plano Piloto a rede elétrica utilizando postes e fios aéreos. A alegação da empresa é das mais fajutas: a instalação subterrânea é muito mais cara. Ora, se este argumento fosse válido, a Prefeitura do Rio ia mandar cimentar o calçadão de Copacabana. Afinal, as pedras portuguesas do internacionalmente famoso desenho em preto-e-branco das ondas são muito mais caras e de manutenção muito mais difícil. Salvador, ao avaliar exclusivamente o aspecto econômico, mandaria pintar de cinza as casas do coloridíssimo Pelourinho ou derrubar o elevador Lacerda, substituindo-os por um cenário cinza e máquinas com vidros blindex azuis reflexivos modernos.

Talvez o pessoal do GDF não esteja bem inteirado de noções como patrimônio e tombamento. Recomendo uma visitinha a São Luís, no Maranhão, onde sucessivos governos têm investido na recuperação e preservação do centro histórico da capital maranhense, reconhecido como patrimônio cultural da humanidade quase dez anos depois de Brasília conquistar esse mesmo título. E, saibam, São Luís está anos-luz à frente. Lá, os postes e fios que deturpam e enfeiam a paisagem do século XIX estão sendo retirados e enterrados.

Certamente, é bem mais caro e trabalhoso fazer essas obras em uma área tombada como sítio histórico, com ruas de paralelepípedo e casas com três séculos de vida do que simplesmente cavar a terra vermelha de Brasília, colocar a rede elétrica e depois



SYLVIO GUEDES

Editor Chefe

cobrir com grama. Falta ao administrador público a noção de que essas obras não têm preço, têm urgência e necessidade. As quadras do Plano Piloto que só agora estão sendo edificadas e urbanizadas devem seguir o projeto daquelas primeiras que ficaram prontas, nos idos de 60. Nem um milímetro a menos.

Ainda garoto, nos idos de 60, as vastidões não construídas do Plano Piloto e a absoluta ausência de cabos elétricos ou telefônicos nos ofereciam o melhor dos mundos para soltar pipa. Na temporada dos ventos, perto da seca, os céus se enchiam de papagaios e suas longas rabiolas, em desafios de perícia que reuniam, nas superquadras, pais, filhos e avôs. A gente contava aos primos de outras cidades e eles morriam de inveja.

Já não basta a poluição visual, o excesso de carros, a descaracterização das quadras comerciais, a permissividade com ambulantes e camelôs? Sempre será mais barato preservar do que recuperar. Patrimônio não tem preço. Depois que se perde, nunca mais. Ao colocar a questão econômica à frente do respeito ao trabalho excepcional dos nossos pais-fundadores – Lúcio Costa e Oscar Niemeyer –, autores de uma revolucionária e reverenciada proposta de convivência urbana, o GDF vira as costas ao passado, compromete o presente e ameaça o futuro. Porque Brasília é muito mais que a Esplanada dos Ministérios, Brasília são as asas, as superquadras, os gramados e os blocos, as esquinas e a falta delas, os balões e as tesourinhas, o céu azul deslumbrante livre de fios e de fumaça.

► editorchefe@jornaldebrasil.com.br